

VOO E MERGULHO

*As qualidades mais valiosas de um
livro são como que secretas e se revelam
aos poucos, sempre com parcimônia.*

Osman Lins, *Avalovara*

Assim eu vi ali mil esplendores

Dante Alighieri, *A divina comédia*

Quando saiu no Brasil, em 1973, *Avalovara* foi considerado difícil e hermético por leitores médios e críticos apressados. Habituaados a romances simples, epidérmicos, sem nada abaixo da superfície do texto, que se atêm ao enredo, de estrutura e linguagem tradicionais, eles não perceberam o tesouro que tinham em mãos. “Quem a esse tipo de afeição se inclina”, verso colhido no Purgatório da *Divina comédia*, “acha o castigo”, sofre em dobro. Um crítico enxergou “banalismos” no texto e viu erudição em “a glande dos iólipos [seres inventados por Osman Lins como metáfora do opressor] é gélida” e outro, em artigo sob o título de “Siga a bula”, tentou ironizar o encarte “A magia de Osman” elaborado por José Paulo Paes sobre os fios narrativos de *Avalovara* sugeridos pelas letras do palíndromo latino *sator arepo tenet opera rotas* (O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos) contidas no quadrado e na espiral que estruturam o romance.¹

Na França, contudo, *Avalovara* encantou os críticos de primeira hora. Viram logo tratar-se de um livro “ambicioso”, de “intensa poesia”, “deslumbrante”, “uma verdadeira obra-prima”,

¹ Quem ainda desconhece esses casos, dos quais os osmanianos têm conhecimento há tempos e hoje soam pitorescos, pode encontrar detalhes numa rápida pesquisa na internet.

como Gaby Kirsch registra em artigo sobre a recepção da obra osmaniana na Europa².

Também em universidades do Brasil e do exterior, estudiosos de Osman Lins em pouco tempo começaram a desvendar esse romance inovador, palimpséstico, repleto de belezas e segredos. E os estudos não cessam³. *Avalovara* já pode ser considerado um clássico.

A decifração de toda narrativa em abismo é tarefa sem-fim, lembra o narrador do romance seguinte de Osman Lins⁴: [o objeto artístico] “nunca é um detentor de significação e sim um deflagrador de significações”. Importante notar o singular após o substantivo *detentor* e o plural depois de *deflagrador*. No mesmo romance, o narrador compara a tarefa do pesquisador de ruínas de uma civilização soterrada com a do estudioso de uma obra de arte: “A diferença entre um e outro é que a civilização exumada talvez se esgote um dia”⁵.

Avalovara começa com o surgimento, na sala de um apartamento, de uma das três mulheres que Abel, narrador e protagonista do romance, vai amar – uma a cada tempo –, a personagem sem nome. É um belo texto poético de dez linhas. À primeira vista, parece uma cena simples. Mas um mundo está contido ali. No ensaio “A espiral e a página: criação e intertextualidade em Osman Lins”⁶, Elizabeth Hazin mostra, com precisão, um requinte da arte osmaniana: ao “pintar” o nascimento da personagem inominada, identificada por

² *Osman Lins: o sopro na argila*, org. H.A. (São Paulo: Nankin, 2004, p. 113-150).

³ Nos quatro cantos do Brasil, a obra de Osman Lins é cada vez mais estudada em cursos de pós-graduação, com expressiva bibliografia crítica já publicada, grande parte dela citada neste *Voo da criação literária*. Merece especial menção, além dos trabalhos orientados por Sandra Nitrini na Universidade de São Paulo (USP), o grupo de pesquisa Estudos Osmanianos, da Universidade de Brasília (UnB), coordenado por Elizabeth Hazin, com vários livros editados, entre eles os riquíssimos *Palíndromia* (2014) e *Números e nomes: o júbilo de escrever* (2017), ambos pela Siglaviva, de Brasília. Há, em todo o país, centenas de dissertações e teses inéditas sobre Osman Lins.

⁴ *A rainha dos cárceres da Grécia* (São Paulo: Melhoramentos, 1976, p. 174).

⁵ Idem, ibidem, p. 212.

⁶ *O nó dos laços*, org. Elizabeth Hazin (Universidade de Brasília, 2013, p. 69-90).

um símbolo gráfico, o escritor descreve elementos da xilogravura *Melancolia I*, de Albrecht Dürer.

Existem ainda inúmeros detalhes na breve abertura do romance. Aqui neste audacioso e original *O voo da criação literária*, ensaio de grande fôlego analítico e interpretativo, Harley Farias Dolzane percebe e grifa, nas linhas iniciais de *Avalovara*, os primeiros sinais da questão da mobilidade e permanência no romance: “Um relógio na sala e o rumor dos veículos. Vem do Tempo ou dos móveis o vago odor empoeirado que flutua?”.

Dolzane busca desvendar e compreender o sentido oculto da obra literária no mistério da criação artística e, fiel ao complemento do título, à procura de “verdade e ser em *Avalovara*”. Em “Apesquisa, o percurso, o salto”, apresentação do estudo, ele revela seus passos rumo à decifração do romance. A ideia inicial de trabalhar a partir da *mimesis* – a arte como cópia de um suposto real – foi logo afastada por força da complexidade da obra: “Os elementos da narrativa questionam a todo momento a realidade do tempo, do espaço, do ser humano e da própria ação que narra”.

No entanto, ressalta o ensaísta, a reflexão sobre a *mimesis* o levou “à investigação pela ideia de ‘verdade’ que a permeia”, questão que se tornou fundamental para estudo do romance. Espiral, quadrado e palíndromo, na leitura do estudioso, vão além de “artifícios de uma técnica narrativa”: “Não são experimentos estéticos. Não. Eles são experiência do viver”.

No percurso do salto analítico-interpretativo, bonito voo sobre a obra e profundo mergulho nela, como o leitor perceberá, o ensaísta constata que, a rigor, não se pode falar em fragmentação (“aspecto dispersivo e dissipador”) em *Avalovara*, mas sim em “uma multiplicidade ou pluridimensionalidade que, em si mesma, reunifica a diversidade”.

Assim como a obra de que trata, o ensaio de Harley Dolzane é uma viagem ao conhecimento, ao mistério da vida e da arte, tudo expresso aos poucos, não de modo fragmentado, mas uno como o fluir de um rio, na sua riqueza tão bem expressa e de perene encantamento. Portanto, também como em *Avalovara*, não há cisão entre estética e pensamento neste *Voo da criação literária*, dissertação de mestrado em Teoria Literária defendida na Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2013, e aprovada com indicação de publicação.

Até porque Dolzane é talentoso poeta, autor de um belíssimo e premiado livro⁷ em que também rende tributo à obra de Osman Lins. Seu trabalho segue o voo múltiplo de *Avalovara*, pássaro feito de inúmeros pássaros miúdos.

Um voo que, embora iniciado na tradição metafísica, praticamente a supera, característica de toda grande obra de arte, como lembra o ensaísta. Sim, um percurso instigante que cativa o leitor. Ele logo vai perceber que este ensaio é como se fosse uma ampliação do próprio romance, ideia por sinal defendida por Osman Lins em sua última entrevista: “A crítica amplia a obra literária. *A divina comédia*, hoje, é o poema de Dante e tudo o que se escreveu sobre ele. Um grande texto, assim, é algo que não cessa de crescer”⁸.

Apoiado em consistente conhecimento teórico, na *great tradition* analítica que a obra impõe, este trabalho não causaria em Osman Lins o desconforto que Carlos Drummond de Andrade sentiu ao ler um artigo sobre um poema dele analisado “à luz das novas teorias lítero-estruturalistas”⁹. Ao contrário, o estudo de Dolzane, isento de muletas e modismos, certamente daria muita alegria ao autor de *Avalovara*. O estudioso não faz contorcionismo interpretativo nem se apoia em vistosas, mirabolantes, vagas teorias de vanguarda. Tudo que ele afirma é sustentado pelo texto que analisa e interpreta. A exemplo de Osman Lins¹⁰, Harley Dolzane

⁷ *I - nome - nada* (Belém: IAP - Edições Culturais; 2012).

⁸ *Evangelho na taba*, org. Julieta de Godoy Ladeira (São Paulo: Summus Editorial, 1979, p. 267).

⁹ Em *O observador no escritório* (Rio: Record, 1985), o poeta escreve em seu diário em 25 de julho de 1971: “Aturdido, leio no jornal o artigo em que se analisa um de meus poemas à luz das novas teorias lítero-estruturalistas. Travo [note-se o duplo sentido do verbo] conhecimento com expressões deste gênero: ‘dinamismo dos eixos paradigmáticos’, ‘núcleo sêmico’, ‘invariante semântica horizontal’, ‘forma de referência parcializante e indireta’, ‘matriz barthesiana’... O poeminha, que me parecia simples, tornou-se sombriamente complicado, e me achei um monstro de trevas e confusão” (p. 174).

¹⁰ Julieta de Godoy Ladeira (1927-1997), viúva de Osman Lins, diz em *O desafio de criar – o sonho e o chão da palavra escrita* (São Paulo: Global, 1995, p. 14-15) que o escritor “fechava-se em grande silêncio” quando não se sentia satisfeito com passagens de algum livro em elaboração. “Encerrava-se no universo da obra que criava. Ao mencionar depois o problema, já restabelecido da crise, era por tê-lo resolvido no papel ou em seu íntimo. Reencontrava então

revela em seu trabalho entusiasmo diante da literatura e da vida. Ele deixa transparecer que em *Avalovara* o romancista não elabora uma visão essencialista de uma metafísica que se abstrai para além do real, mas, antes, mergulha no desconhecido inesgotável que é a realidade dos entes em sua totalidade.

Harley Dolzane constata que o romance desloca tudo que pode ser pensado como paradoxo – alma/corpo, sujeito/objeto, forma/conteúdo, real/ficção – para uma dimensão questionadora em que a realidade ingressa em uma roda-viva, numa dinâmica vital que propõe o Ser da metafísica tradicional em um “sendo”. E mostra, de maneira didática, que o termo remete a *alethéia* e *phýsis*, desvelamento e realidade, ou seja, a totalidade das coisas, que, retirando-se da escuridão, vem à luz dos sentidos e, nesse mesmo movimento, lança-se às trevas. Mas não é a obra que efetua esse deslocamento. Explica que esse ele, o deslocamento, é já doação do real, e sugere que um dos méritos da obra é reconhecer e criativamente obedecer (*ob-audire*, pôr-se em posição de escuta) a essa dinâmica vital e, nos limites do quadrado, realizar o ilimitado espiralar, como o unicórnio e o rio que percorrem as páginas de *Avalovara*. E o que ele chama, neste estudo, de “obediência” nada tem a ver com alheamento ou passividade submissa. Talvez, na opinião de Dolzane, seja o que há de mais radical nesta obra de Osman Lins. Quem há de discordar? *Avalovara*, afinal, é um convite ao mergulho.

Lauro de Oliveira (1923-2017), que privou da amizade de Osman Lins, escreveu um livro abrangente sobre o escritor. Nele, lembra que em *Avalovara* “se misturam o mito e o religioso, o fantástico e o real, a fantasia e o imaginário popular, o histórico e o autobiográfico”. E acrescenta: “O autor revela uma consciência social aguda, sempre presente a todos os problemas da sociedade brasileira em geral”¹¹. Todos esses tópicos são abordados por Dolzane: “A obra de Osman Lins recoloca o humano diante do cosmos sem deixar de ‘fazer história’, ou seja, sem deixar de ser extremamente arraigada e compromissada com a história e as questões sociais que

o bom humor e o entusiasmo com que se colocava diante da literatura e da vida, aliás não distinguindo entre uma e outra.”

¹¹ Osman Lins – *Vocação ética, criação estética* (Recife: Edições Bagaço, 2010, p. 110).

a humanidade enfrenta”. O verbo no presente é ponto capital no romance. Para o ensaísta, porém, a presentificação da linguagem em *Avalovara* se dá “não meramente por um uso estilístico do tempo presente, mas, antes, pela presença do Tempo originário, o tempo do mito, integrador e promotor de diferença, o *sendo* do que foi e será”.

O verdadeiro escritor sabe que só vale a pena escrever histórias bem amarradas – como se diz, rede firme (nunca um laço lasso) – para resistir ao tempo. O texto que se quer literário deve guardar segredos e ser como uma máquina bem azeitada, que funciona sem ruídos, nunca engrenagem seca, enferrujada, rangendo, ferro com ferro, como se vê tanto por aí, em livros de gente nova e até consagrada. As palavras têm sexo, se atraem. O casamento dela é o que Machado de Assis chamava de estilo. Texto é textura, leveza, fluidez. Trabalho de formiga, aranha e abelha. E há de trazer calor, inquietação, dor e mistérios. O resto, sabemos todos, é *fast-food*.

Com este arrojado *O voo da criação literária*, Harley Dolzane faz um consistente e irresistível convite à leitura ou releitura de *Avalovara*, “paraíso da linguagem” (ele concorda com o que diz Heidegger em *Carta ao Humanismo*: “a linguagem é a casa do ser”, e completa: “do ser que nós mesmos o somos, *sendo*”), romance em que Osman Lins “demonstra o esplendor da maturidade literária” e “abriga em plenitude a reflexão acerca do ser humano e sua relação com a totalidade do real”. Dolzane relembra que o romance é “a narrativa de uma procura”. A procura de Abel (“figuração mais densa do homem em travessia”) pelo autoconhecimento, “pela felicidade, pela compreensão da realidade relacionada à criação artística, pela plenitude do amor”.

Numa conclusão original, sobretudo para trabalhos acadêmicos, Harley Dolzane como que entra no romance e cria um poético diálogo com Abel. Cada leitor deste *Voo* dolzânico, ou dolzaniano, há de concordar com o estudioso que “toda obra é um canto e, se o cantar é o que liberta, a arte é o que encanta” e há de se encantar com a arte do jovem ensaísta.

Hugo Almeida
São Paulo, setembro, 2017